

**Zaira Regina Zafalon
Martha Suzana Cabral Nunes
Márcia Ivo Braz
Alessandra dos Santos Araújo**
Organizadoras

**PERCURSOS DE PESQUISA
EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

**mediação da informação e
gestão do conhecimento**

Zaira Regina Zafalon
Martha Suzana Cabral Nunes
Márcia Ivo Braz
Alessandra dos Santos Araújo
(Organizadoras)

**PERCURSOS DE PESQUISA EM
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**
**mediação da informação e gestão do
conhecimento**

São Paulo
Abecin Editora
2021

©2021 by Zaira Regina Zafalon, Martha Suzana Cabral Nunes, Márcia Ivo Braz e
Alessandra dos Santos Araújo (organizadoras)
Direitos desta edição reservados à ABECIN Editora

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA CREATIVE COMMONS



Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0

É permitido copiar, distribuir, exibir, executar a obra e criar obras derivadas desde que sem fins comerciais e que seja dado o crédito apropriado aos autores e compartilhada sob a mesma licença do original.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P429 Percursos de pesquisa em Ciência da Informação : mediação da informação e gestão do conhecimento / Zaira Regina Zafalon, Martha Suzana Cabral Nunes, Márcia Ivo Braz e Alessandra dos Santos Araújo (org.). – São Paulo: Abecin Editora, 2021. 258 p.

e-ISBN: 978-65-86228-06-9.

Inclui referências.

Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora>.

1. Ciência da Informação. 2. Mediação da informação. 3. Gestão do conhecimento. I. Zafalon, Zaira Regina, org. II. Nunes, Martha Suzana Cabral, org. III. Braz, Márcia Ivo, org. IV. Araújo, Alessandra dos Santos, org.

CDU: 02(05)

CDD: 020

Ficha catalográfica: Melissa dos Santos Araújo – CRB-1 3426/DF.

COMISSÃO EDITORIAL E CIENTÍFICA

Editor-chefe: Zaira Regina Zafalon (UFSCar)

Aldinar Martins Bottentuit (UFMA)	José Antonio Frías (USAL, Espanha)
Alessandra dos Santos Araújo (UFS)	José Antonio Moreira González (UC3M, Espanha)
Andréa Pereira dos Santos (UFG)	Manuela Moro Cabero (USAL, Espanha)
Aurora Cuevas-Cerveró (UCM, Espanha)	Márcia Ivo Braz (UFPE)
Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM)	Márcio Bezerra da Silva (UNB)
Danielly Oliveira Inomata (UFAM)	Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP)
Dunia Llanes Padrón (UH, Cuba)	Martha Suzana Cabral Nunes (UFS)
Franciele Marques Redigolo (UFPA)	Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)
Helen Beatriz Frota Rozados (UFRGS)	Naira Christofoletti Silveira (UNIRIO)
Henriette Ferreira Gomes (UFBA)	Paulina Szafran (UDELAR, Uruguai)
Ieda Pelógia Martins Damian (USP)	Samile Andréa de Souza Vanz (UFRGS)
Isidoro Gil Leiva (UM, Espanha)	Valéria Martin Valls (FESP/SP)
Ivana Lins (UFBA)	

Normalização: Autores

Diagramação, Editoração, Revisão e Capa: Zaira Regina Zafalon

O conteúdo dos capítulos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e não representam necessariamente a posição oficial da Editora Abecin. Os originais foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros da Comissão Editorial e Científica desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

CAPÍTULO 2

BLOCO AFRO QDQMODE NO VINTE DE NOVEMBRO: CELEBRAÇÃO E RESISTÊNCIA NEGRA NAS RUAS DE PORTO ALEGRE, RS

Natália Souza Silva

Eráclito Pereira

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os carnavais celebrados no Brasil. A festa expressa diferentes tradições em múltiplas formas de manifestação, celebradas do Norte ao Sul, desde os litorais até os interiores de um país continental e culturalmente diverso. Esta pesquisa analisa o carnaval realizado em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, compreendendo-o como patrimônio cultural.

É incomum relacionar a região Sul à tradição de carnaval. Entretanto a trajetória de quase 50 anos do Afro-Sul QdQmode revela a existência de uma cultura carnavalesca presente na história da cidade. Desde o fim das atividades da Escola de Samba Garotos da Orgia o Grupo Afro-Sul de música e dança perpetuaram sua herança carnavalesca através do Bloco Afro QdQmode. Criado em 1999, o Bloco ocupou às ruas da cidade até 2016, quando sofreu um embargo da administração municipal. Neste mesmo ano o carnaval passou por diversas restrições impostas pelo poder público, aqui e em outras cidades do Brasil.

Diante do cenário político de desvalorização do carnaval como manifestação popular, negra e periférica, o Bloco Afro

Qdõmõde é entendido como integrante do patrimônio cultural negro da cidade. Buscou-se investigar a importância do Bloco Afro Qdõmõde para o carnaval de Porto Alegre, e os significados de ocupar às ruas na data do Vinte de Novembro, e não nos dias oficiais de carnaval.

Inserido no campo da Sociomuseologia, este estudo amplia a noção de patrimônio cultural considerando as disputas identitárias em debate na sociedade brasileira contemporânea. Nessa perspectiva foi utilizada a metodologia da observação participante, seguida de entrevista semiestruturada, tendo em vista a valorização da oralidade dos mestres de saberes locais.

2 PATRIMÔNIOS CULTURAIS NEGROS DE PORTO ALEGRE

Sobre as cidades gaúchas predominam um imaginário cristalizado, branco e europeizado. Ao andar pela cidade outra realidade é percebida. A Porto Alegre negra é evidente e condizente com a sua construção histórica, porém, negros e negras foram ausentes dos discursos oficiais, produto de escolhas que elaboraram a identidade gaúcha.

Nos acervos museológicos e exposições ainda prevalece a visão estereotipada e ideologizada sobre a cidade restringindo as existências negras a um só período histórico, o escravista (BITTENCOURT, 2013; ESCOBAR, 2014). Contudo, a retórica de ausências é combatida com a atualização positivada das contribuições negras nesta cidade. Os testemunhos orais e fotográficos revelam a presença e a atuação negra em Porto Alegre, as famílias negras preservam verdadeiros acervos particulares (SANTOS, 2005; 2010). Ausentes nas instituições de

memória, mas, capazes de evocar outras narrativas sobre a cidade.

A história do Instituto Sociocultural Afro-Sul Qdõmõde evidencia a tradição do carnaval como afirmação política e de celebração da negritude. O território onde o Instituto realiza suas ações sociais e culturais é compreendido como lugar de práticas, memórias e saberes identificados com a ancestralidade negra. Elementos que justificam a sua reivindicação como patrimônio cultural imaterial de Porto Alegre (MARTINS, 2016).

A festa de origens europeias se popularizou, e o carnaval de rua de Porto Alegre ganhou traço étnico negro (KRAWCZYK; et al, 1992; LAZZARI, 1998), entre 1930 e 1940 os territórios negros de Porto Alegre já mantinham identidade com o carnaval (GERMANO, 1999). Repleto de coretos, blocos e cordões que desfilavam espontaneamente pelas ruas (SANTOS, 2005) mas, nos anos 1950 o projeto de institucionalização do carnaval foi iniciado. Idealizado como símbolo da identidade nacional, o carnaval foi propaganda do discurso de democracia racial, na intenção de conferir unidade cultural à nação (ROSA, 2008). Na década seguinte o modelo de escolas de samba formatou a estrutura, os ritmos e condutas conforme um padrão nacional oriundo da região sudeste. Aos poucos o carnaval perdeu tons de cor local para entrar na indústria do espetáculo (CATTANI, 2015).

A trajetória do carnaval em Porto Alegre confunde-se com os rumos da população negra, afastada do centro para as margens da cidade nos anos 1970. Na década de 1990 o debate sobre a construção de um espaço específico para os desfiles dividiu a opinião pública e inseriu o carnaval no campo de disputas do imaginário social (GERMANO, 2010). A discussão ganhou contornos racistas. Opôs foliões e carnavalescos a favor da

permanência das festividades no centro da cidade, seu berço. Contrários e clamando pelo afastamento esteve a nova população do bairro gentrificado após a expulsão das populações negras.

A transferência do local oficial dos desfiles, em 2004, resultou no crescente esvaziamento da festa. A diminuição dos investimentos somado às dificuldades no deslocamento do público e das escolas de samba provocaram a depreciação do carnaval porto-alegrense. Por outro lado, acabou por gerar o ressurgimento do carnaval de rua. O Bloco Afro Qdômode surgiu neste contexto para fomentar a criação de novos blocos nas periferias.

Importantes espaços de socialização e solidariedade, os territórios negros configuram-se como lugares de origem (VIEIRA, 2014). A ocupação dos bairros centrais por blocos carnavalescos a partir dos anos 2000 revitalizou estes territórios e destacou as heranças negras. As performances do Bloco Afro Qdômode exaltaram a negritude afro-gaúcha e as suas raízes africanas e afro-brasileiras. Logo, o dia Vinte de Novembro foi estabelecido como data de ir às ruas.

As reflexões e as lutas políticas que gestaram a celebração da Consciência Negra partiu do Movimento Negro com atuação em Porto Alegre. A dedicação do poeta Oliveira Silveira e do Grupo Palmares promoveu a revisão da história brasileira a fim de destacar e valorizar o protagonismo do povo negro. A simbologia do dia treze de maio foi reavaliada e buscou-se outra referência capaz de representar a história de luta e resistência da comunidade negra. O dia Vinte de Novembro, provável data do assassinato de Zumbi dos Palmares, evidencia o protagonismo negro e simboliza a liberdade e a dignidade conquistada na ação. O Grupo Palmares foi pioneiro na defesa de substituir as

comemorações do Treze de Maio para o Vinte de Novembro (CAMPOS, 2006). O alerta dado pelo Grupo Palmares foi acolhido e consolidado pelo Movimento Negro Unificado (GONZALEZ, apud SILVEIRA, 2003).

O Grupo Palmares iniciou suas atividades em 1971 no território negro da antiga Esquina do Zaire, ocupada por precursores do Movimento Negro, carnavalescos e adolescentes negros (BITTENCOURT JUNIOR, 2005). No período de intensa repressão aos movimentos sociais o Grupo Palmares assumiu uma postura subversiva reunindo intelectuais e militantes negros em torno da identidade étnica e confrontando a concepção de democracia racial que estruturava a nação (CAMPOS, 2006; ESCOBAR, 2014). A ação cultural dos coletivos negros surgidos neste período, tensionaram no campo simbólico a ideologia hegemônica e provocaram mudanças sociais e políticas irreversíveis.

Este cenário de contestação e renovação das organizações negras criou também o Grupo Afro-Sul de música e dança. Em 1974, jovens negros reuniram-se pela primeira vez para produzir músicas e coreografias baseadas no estudo das culturas africana e afro-brasileira. Os debates e conceitos apresentados por Oliveira Silveira e o Grupo Palmares influenciaram a atuação do Afro-Sul. Tal como o Grupo Palmares, o Grupo Afro-Sul utilizou-se dos recursos estéticos e artísticos para renovar a luta antirracista, durante os anos de chumbo, através da apreciação da identidade negra.

A contribuição de Oliveira Silveira e do Grupo Palmares na instituição do Dia Nacional da Consciência Negra, é reconhecida e valorizada entre a militância negra, mas não tem o devido reconhecimento nacional e regional. Não aparece nas narrativas

oficiais como referência cultural gaúcha e não figura no calendário de feriados locais, mesmo que Porto Alegre seja o berço da sua criação.

2.1 Patrimônio cultural em disputa

Os conceitos que apoiaram a pesquisa interseccionam as reflexões sobre o patrimônio cultural e a cidade. As manifestações culturais que nela ocorrem integram o conjunto de bens culturais, encarregados de difundir a memória social dos grupos sociais e das narrativas sobre o passado.

A partir da Constituição Federal de 1988 a noção de patrimônio cultural foi ampliada para melhor representar a diversidade social brasileira. A instituição do patrimônio cultural imaterial (BRASIL, 2013) permitiu a salvaguarda de bens representativos da cultura popular calcados na memória coletiva e preservados ao longo de gerações por meio da oralidade, dos rituais, crenças e celebrações (HALBWACHS, 2006). O Bloco Afro Qḍom̄de é percebido como manifestação do patrimônio imaterial de Porto Alegre, visto que é veículo para a emergência da memória social não consolidada (NORA, 1993).

O território do Afro-Sul Qḍom̄de configura-se como patrimônio imaterial representativo da comunidade negra em Porto Alegre, espaço de celebração, resistência e construção de identidades (MARTINS, 2016). As expressivas manifestações culturais que aí afloram, corroboram com a conceituação de lugares de memória, à medida em que despertam a consciência de preservação da memória diante do sentimento de que sem vigilância a história pode varrê-la (NORA, 1993).

O patrimônio cultural está no centro das disputas sobre a narrativa histórica e o imaginário da cidade. Diante da

seletividade dos processos de salvaguarda do patrimônio os vestígios que amparam a memória social sofrem o julgo da História unívoca e unidirecional que apaga e silencia narrativas do passado que escapam ao fio condutor da história oficial (GIOVANAZ, 2007).

Com base no conceito de imaginário social como um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva”, socialmente criado em todas as épocas, para conferir sentido ao mundo (PESAVENTO, 2012, p. 43), compreende-se que neste processo se entrelaçam as dinâmicas da memória e do patrimônio. A cidade é modelada na escolha do que é preservado no espaço construído, onde são identificados pontos de ancoragem da memória reconhecidos coletivamente (PESAVENTO, 2012).

Contrapondo a narrativa unívoca firmada no privilégio da memória preservada por meio dos bens materiais e edificados, os bens culturais intangíveis facilitam a difusão de outro imaginário de Porto Alegre. As memórias das comunidades outrora esquecidas à margem da história oficial, quando evidenciadas reconstroem as identidades e reestabelecem o sentido de continuidade. A evocação de outros suportes de memória, ancoram narrativas subterrâneas, necessárias para que a pluralidade de influências culturais que formaram a cidade possa emergir.

Assim, um patrimônio cultural negro gaúcho aparece. O carnaval de Porto Alegre, o ativismo do Grupo Palmares e a trajetória do Afro-Sul Qdõmõde configuram bens culturais representativos à comunidade negra. Reafirmam a existência e relevância de um patrimônio específico do segmento negro, que integra a identidade regional e nacional ao mesmo tempo que

rompe com a construção de um imaginário monolítico apoiado em apenas uma matriz cultural. A identidade negra e gaúcha nos sujeitos diaspóricos é híbrida e negociada a todo o tempo, a experiência da diáspora rompe com modelos fixos de identidade cultural (ESCOBAR, 2014).

2.2 Narrar, celebrar e resistir

A lembrança foi o objeto essencial deste estudo, a memória considerada um produto da interação social e produzida por meio dos quadros preexistentes acionados no grupo, de forma a reproduzir a consciência coletiva da memória (HALBWACHS, 2006). Mestre e Mestra Griôs recordaram e fizeram reflexões sobre a trajetória do Grupo, passagens da história não encontradas nos livros, testemunhos da história de vida de cada um, de amigos e familiares, também parte da história da cidade e do país em que vivem. Portanto, os depoimentos oferecidos foram interpretados como documento, tornando as narrativas objeto de análise (ALBERTI, 2012).

As narrativas elaboradas por mestra e mestre de saberes, tem como fio condutor a celebração e a resistência negra expressas nas suas atividades e relações com o carnaval local. Iara Deodoro e Paulo Romeu são difusores da memória coletiva, fundadores do Grupo Afro-Sul de música e dança e do Bloco Afro Qdõmõde, administram o Instituto Sociocultural desde que assumiram a quadra da extinta escola de samba Garotos da Orgia dando-lhe outro caráter. A participação no carnaval competitivo foi substituída pela ação social, realizada na comunidade do entorno durante o ano todo. Oferecendo às crianças e adolescentes atividades, cujo objetivo é fortalecer a autoestima através da valorização da cultura e identidade afro-gaúcha.

O Bloco Afro Qdõmõde foi criado para dar continuidade à brincadeira do carnaval, é herança da Garotos. Brincando o carnaval e promovendo a cultura, reforçando o compromisso com a formação das futuras gerações.

O evento embargado em 2016 aconteceria em um território negro, o Areal da Baronesa, quilombo urbano reconhecido. No entanto, Paulo Romeu destaca a ação do poder público como demonstração do racismo institucional, que persegue as expressões culturais negras e periféricas. O carnaval do Bloco Afro Qdõmõde atualiza os referenciais culturais negros em Porto Alegre, reafirmando a cultura do carnaval e dando evidência ao Vinte de Novembro. O Bloco tem essa importância, que a administração municipal mostrou desconhecer.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o Bloco Afro Qdõmõde permitiu-nos compreendê-lo enquanto expressão da cultura afro-gaúcha, pois, carrega em sua trajetória os signos que retomam a identidade cultural e ética de ser negro no Rio Grande do Sul. Analisar a trajetória do Bloco propiciou um inventário das raízes culturais negras em Porto Alegre manifestadas através da música e da dança, elementos destacados como patrimônio cultural genuíno.

A pesquisa procurou, acima de tudo, contribuir para a salvaguarda da memória do Instituto Sociocultural Afro-Sul Qdõmõde ao documentar a sua história sob a ótica do patrimônio cultural de um fragmento da história de Porto Alegre. Por outro lado, o trabalho também acrescentou ao campo de estudos museológicos ao tensionar o debate acerca das disputas que envolvem o patrimônio cultural e a cidade. Neste sentido, esta

reflexão é importante para que não haja mais espaço para reprodução de técnicas de branqueamento cultural, que se impuseram por muito tempo negando o recorte étnico negro existente aqui.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *História Oral*, Cidade, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul. 2012. p. 159-166.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Territórios Negros. In.: SANTOS, Irene (org.). *Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: Do Autor, 2005. p. 35-57.

_____. As representações do negro nos museus do Rio Grande do Sul são marcadas pela invisibilidade simbólica: Do “resgate” afro-brasileiro às pesquisas histórico-antropológicas e às visibilidades negras na museologia. In.: MATTOS, Jane Rocha de. (Org.). *Museus e africanidades*. Porto Alegre: Edijuc, 2013. p. 13-54.

BRASIL. Ministério da Cultura. Decreto No 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. In.: *Legislação Sobre Patrimônio Cultural*. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013. p. 234-236.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. *O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CATTANI, Helena Cancela. *G.R.E.S. Porto Alegre: o processo de cariocização do carnaval de Porto Alegre (1962-1973)*. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ESCOBAR, Geanine Vargas. *Memória da Militância Negra durante a Ditadura Militar no Brasil e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira (1971-1988)*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

GERMANO, Iris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. 1999. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil. In.: SILVA, G. F.; SANTOS, J. A.; CARNEIRO, L. C. C. (orgs.). In.: *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento [recurso eletrônico]*. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 100-121.

GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004848&dd1=7a191>. Acesso em: 1 jul. 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ªed. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p.

KRAWCZYK, F.; GERMANO, I.; POSSAMAI, Z.. *Carnavais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 66 p.

LAZZARI, Alexandre. *“Certas coisas não são para que o povo as faça”*: carnaval em Porto Alegre 1870 – 1915. 1998. 231 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 1998.

MARTINS, Camila Cardoso Coronel. *MEMÓRIA E NEGRITUDE: O grupo AFRO-SUL/ODOMODE como referência da cultura da cultura imaterial de Porto Alegre*. 2016. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História 10: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo*, n. 10, dez. 1993, p.7-28.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 132 p

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940*. 2008. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SANTOS, Irene (org.). *Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: Do Autor, 2005. 184 p.

SANTOS, I.; SILVA, C.; FIALHO, D. E. P.; BARCELLOS, V. D.; BETTIOL, Zoravia. *Colonos e Quilombolas: Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre*. Porto Alegre: s.n., 2010.128 p.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In.: SILVA, P. B. G.; SILVÉRIO, V. R.. *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p.21-42.

VIEIRA, Daniele Machado. Percursos negros em Porto Alegre: ressignificando espaços, reconstruindo geografias. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Vitória/ES: 2014.